

## **CONTAR HISTÓRIAS A PARTIR DO LETRAMENTO LITERÁRIO: CAMINHOS POSSÍVEIS**

NATHALIA CORNETO (FCT / UNESP), LOREN DE OLIVEIRA LOPO GENEROSO (FCT UNESP).

### **Resumo**

Sabemos que os sistemas de escrita são produtos culturais e que a alfabetização e o letramento são processos de aquisição de um sistema escrito. A alfabetização possui um caráter individual. Já o objetivo do letramento é social, podendo fazer parte de uma sociedade letrada tanto indivíduos alfabetizados, quanto os não alfabetizados. Partindo desse pressuposto, podemos entender que sendo o letramento um agente de transformação social e não individual, a instituição escola deve atuar como agente social de difusão da literatura infantil, para que se crie estados mais avançados de letramento, pois é através do domínio aprofundado desses gêneros que o letramento se constitui e o indivíduo nele inserido se humaniza. Disponibilizar o contato com as histórias da literatura infantil para as crianças, nas escolas, faz parte das condições de letramento. Mas não basta oferecer os livros ou apenas ler as histórias no começo ou no final das aulas, são necessárias discussões sobre o assunto de que trata o livro e reflexões para que os alunos tenham condições de fazer inferências, antecipações, e estabelecer, assim, conexões entre seu conhecimento prévio e as informações novas. Devemos propiciar aos alunos muito mais do que apenas ler. É necessário ir além da leitura simples. A leitura literária tem a função de ajudar-nos a ler melhor, pois fornece os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. Nesse âmbito, o professor atua como mediador do processo, mostrando aos alunos os caminhos para abordar o texto literário e, conseqüentemente, contribuir para a ampliação do letramento literário no Brasil. O trabalho pretende, portanto, mostrar um panorama mais geral do que é o letramento literário e de como os professores podem ser os mediadores desse processo, ajudando a formar alunos letrados, críticos e proficientes no uso da linguagem.

### **Palavras-chave:**

Literatura Infantil, Letramento Literário, Leitura.

### **Considerações iniciais**

Sabemos que os sistemas de escrita são produtos culturais e que a alfabetização e o letramento são processos de aquisição de um sistema escrito. A alfabetização possui um caráter individual. Já o objetivo do letramento é social, podendo fazer parte de uma sociedade letrada tanto indivíduos alfabetizados, quanto os não alfabetizados. Partindo desse pressuposto, podemos entender que sendo o letramento um agente de transformação social e não individual, a instituição escola deve atuar como agente social de difusão da literatura infantil, para que se crie estados mais avançados de letramento, pois é através do domínio aprofundado desses gêneros que o letramento se constitui e o indivíduo nele inserido se humaniza.

Este é um trabalho inicial, feito a partir de um recorte da pesquisa internacional "Literatura na Escola: espaços e contextos - a realidade portuguesa e brasileira" (financiado pelas agências FAPESP e CNPq), que teve iniciativa de dois grupos de pesquisa com propósitos semelhantes: "Centro de Estudos de Leitura e Literatura

Infantil e Juvenil", da Universidade Estadual Paulista, FCT-UNESP (Brasil), e "Literatura Infantil e Educação para a Literacia", do LIBEC - Centro de Investigação em Promoção da Literacia e do Bem-Estar da Criança, da Universidade do Minho (Portugal). Por conta de diversos problemas políticos, Portugal só participou da primeira fase, em 2007, não dando seqüência à pesquisa, ainda em andamento.

O propósito de tal pesquisa é estudar a contribuição da literatura infantil e juvenil para a efetiva formação do leitor, abrangendo aspectos ligados à produção de textos e à reflexão sobre conhecimentos lingüísticos. Para que este objetivo fosse atingido, a pesquisa teve três momentos distintos e está sendo desenvolvida nas cidades de Assis, Marília e Presidente Prudente, por professores da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Cada fase teve ênfases diferentes: a primeira consistiu em diagnosticar, através de questionários aplicados a professores, alunos, coordenadores e bibliotecários das redes municipais e estaduais de ensino das três cidades, o uso da leitura e da literatura infantil e juvenil nas escolas. A segunda destacou a análise de como as crianças recebem as obras infantis em sala de aula. A terceira fase, ainda em desenvolvimento, contou com um curso de capacitação para professores à aplicação da metodologia abordada aos alunos. Neste curso, vários tópicos foram estudados para melhor compreensão da metodologia, e um deles foi o letramento literário com o apoio da literatura infantil, que é o foco deste trabalho.

Assim, pretendemos mostrar um panorama sobre a concepção de letramento literário e, além disso, indicar atividades promissoras de como os professores podem ser os mediadores desse processo, ajudando a formar alunos letrados, críticos e proficientes no uso da linguagem, por meio da literatura infantil.

### **Alfabetização e Letramento: diferenciação necessária**

Leitores pensam enquanto leem, recebendo a palavra escrita e construindo significados baseados em seus próprios pensamentos, conhecimentos e experiências. Leitores ativos interagem com os textos que lêem e isso pode até mesmo modificar seu pensamento. Em uma sala de aula pensante, onde os professores valorizam a curiosidade e o pensamento dos alunos, respeitando todas as vozes e visões, letramento é um processo ativo. Neste sentido, faremos aqui a distinção entre alfabetização e letramento e tentaremos inserir a literatura infantil nesse contexto para que ela seja utilizada a fim de contribuir com esse processo de letramento literário na escolarização. É necessário fazer essa distinção entre alfabetização e letramento, pois é um tipo de confusão muito presente na escola.

Segundo **Soares (2003a)**, é de extrema importância levarmos em conta a "especificidade" da alfabetização, ou seja, o acesso ao mundo da escrita. Esse acesso seria "o processo de um indivíduo entrar nesse mundo, através do aprendizado de uma técnica" (Soares, 2003:17). Pode-se entender essa técnica por aprender a ler e a escrever, "relacionando sons com letras, fonemas com grafemas, para codificar ou para decodificar" (Soares, 2003:17). Há também aspectos chamados técnicos, como aprender a segurar o lápis, escrever de cima para baixo e da esquerda para a direita, por exemplo.

De nada vale aprender toda essa técnica, todavia, se não desenvolver suas práticas de uso. E aí temos então dois processos simultâneos, interdependentes e

indissociáveis, porém diferentes: aprender a técnica, o código e saber usá-los na prática social, ou seja, respectivamente os processos de alfabetização e letramento. Portanto, de acordo com Soares (2003a), compreende-se que:

A alfabetização, aprendizagem da técnica, domínio do código convencional da leitura e da escrita e das relações fonema/grafema, do uso dos instrumentos com os quais se escreve, não é pré-requisito para o letramento. (p. 17)

Não há uma "ordem", uma sequência; para ser letrado não se faz necessário ser alfabetizado. "A alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ficar diluída no processo de letramento". (Soares, 2003:17)

Pode-se pressupor que essa prática de ensino conjunto de alfabetização e letramento se deu no Brasil com o uso indiscriminado do construtivismo como método, ocasionando um tremendo equívoco, pois este último é uma teoria. É aí que se encontra o erro: para alfabetizar, é preciso um método fundamentado em uma teoria e uma teoria produtora do método.

O conceito de letramento surge na tentativa de separar os estudos sobre o "impacto social da escrita" (Kleiman, 1991) dos estudos sobre a alfabetização:

Aos poucos, os estudos foram se alargando para descrever as condições de uso da escrita, a fim de determinar como eram, e quais os efeitos, das práticas de letramento em grupos minoritários, ou em sociedades não-industrializadas que começavam a integrar a escrita como uma 'tecnologia' de comunicação dos grupos que sustentavam o poder. (p. 16)

Segundo Kleiman (1991), a palavra 'letramento' foi criada por Mary Kato, em 1986, e ainda não está dicionarizada. Percebendo a complexidade do conceito, temos variações com relação aos tipos de estudo:

- 1 Que examinam a capacidade de refletir sobre a própria linguagem de sujeitos alfabetizados versus sujeitos analfabetos;
- 2 Que investigam como adulto e criança de um grupo social, versus outro grupo social, falam sobre o livro.

Segundo Soares (2004), em meados dos anos de 1980 se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil, do *illettrisme*, na França, da *literacia*, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização, *alphabétisation*. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, embora a palavra *literacy* já estivesse dicionarizada desde o final do século XIX, foi também nos anos de 1980 que o fenômeno que ela nomeia, distinto daquele que em língua inglesa se conhece como *reading instruction*, *beginning literacy* tornou-se foco de atenção e de discussão nas áreas da educação e da linguagem, o que se evidencia no grande número de artigos e livros voltados para o tema, publicados, a partir desse momento, nesses países, e se operacionalizou nos vários programas, neles

desenvolvidos, de avaliação do nível de competências de leitura e de escrita da população.

Partindo desse pressuposto, podemos entender que, sendo o letramento um agente de transformação social e não individual, a escola, como também agente social, acaba sendo um dos únicos lugares onde se ocorre a difusão da literatura infantil, pois é nesse ambiente que as crianças têm maior contato com os livros. E, como nos mostra Aguiar (2004: 19), "o aumento de leitores está diretamente relacionado, como ocorre de resto em toda a sua trajetória, à função da escola como promotora da leitura".

As crianças se beneficiam da literatura infantil, pois nela há: desenvolvimento da linguagem, construção do vocabulário, noção de estrutura, divertimento, prazer, compreensão, razões humanas, conhecimento, entre muitas outras formas de crescimento.

Quanto mais a criança lê mais vocabulário ela adquire. Dessa forma, perguntamos: como a literatura infantil contribui com o letramento? Por meio da prática. Conseqüentemente, quanto mais se lê, mais letrado se torna.

Segundo Faria (2006) o texto literário é "polissêmico" (p. 12), pois provoca no leitor diversas reações, desde o prazer emocional, até o intelectual, informando e satisfazendo, formando-o sob um caráter ético. Nesse aspecto polissêmico, a literatura infantil está inserida como gênero secundário, ou seja, mais aprimorado, com linguagem esteticamente elaborada capaz de produzir múltiplos significados. Portanto, trabalhar a literatura infantil na escola colabora para a humanização e para o avanço do letramento na sociedade.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Cosson (2007) nos mostra que:

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (p. 30).

Ler não se dá somente no interior do sujeito, mas também pelas determinações externas, a partir dos conhecimentos prévios adquiridos e no confronto destes com a proposta feita pelo autor. Estas determinações externas podem ser entendidas como sociais, e, portanto o próprio processo de letramento. O ato de ler, com isso, é compreendido em seu sentido de produção de significados e, por essa razão, abrange as possibilidades de utilização de diversas linguagens.

Assim, fica-nos claro que a literatura infantil pode contribuir grandiosamente para a melhora desse processo de letramento, pois através das histórias, a criança vai aumentando sua bagagem e seu conhecimento, instigando sua imaginação e possibilidade produtora, fazendo com que o grau de letramento literário de sua comunidade cresça.

Disponibilizar o contato com as histórias da literatura infantil para as crianças, nas escolas, faz parte das condições de letramento. Mas não basta oferecer os livros ou apenas ler as histórias no começo ou no final das aulas, são necessárias discussões sobre o assunto de que trata o livro e reflexões para que os alunos tenham condições de fazer inferências, antecipações, e estabelecer, assim, conexões entre seu conhecimento prévio e as informações novas.

Essas discussões não devem ser feitas somente ao término das histórias, mas antes e durante, para que a criança vá imaginando e inventando, criando suas próprias conclusões, resolvendo os conflitos, visualizando, pensando em soluções para as próprias questões formuladas durante a leitura. Citaremos alguns exemplos de como podem ser essas atividades diferenciadas: o professor pode fazer a leitura de um texto, pedir para que os alunos imaginem o que está sendo lido e solicitar que desenhem o que visualizaram durante a leitura. Também há a possibilidade de se fazer um painel para anotar títulos de histórias já lidas pelos alunos, que se lembrem no decorrer da leitura e que auxiliem na ampliação dos sentidos do texto, verificando suas possibilidades intertextuais. Ademais, as histórias também podem ser contadas de várias formas, com ajuda de recursos de fácil visualização, como ampliações, fantoches e flanelógrafos.

Devemos propiciar aos alunos muito mais do que apenas ler. É necessário ir além da leitura simples. Nesse âmbito, o professor atua como mediador do processo, mostrando aos alunos os caminhos para abordar o texto literário e, conseqüentemente, contribuir para a ampliação do letramento literário no Brasil.

Segundo Faria (2006) a criança percebe que a leitura é muito mais que o simples decifrar do código lingüístico, ou seja, que é a compreensão de todo o corpo escrito contido na obra:

Trata-se da tarefa de estimular o leitor a entender os códigos de imagem e a compreender elementos do encadeamento narrativo. É um exercício que se dá no plano da percepção cognitiva, mas que não significa ler pelo aluno ou fixar determinado tipo de leitura: apenas auxiliá-lo a perceber os elementos mais aparentes da narrativa, para que ele venha a ler com autonomia não um determinado livro, mas diversos livros. (p. 129)

O professor tem papel fundamental neste processo, pois é através de sua figura que a criança conhece o mundo literário. É ele quem propicia contatos mais regulares e constantes com textos e atividades com objetivos específicos, para desenvolver determinada habilidade do letramento, inserindo a criança nesse contexto. Ele oferece os livros, conta as histórias, faz práticas diferenciadas, ampliando o universo vocabular e fortalecendo o interesse dos pequenos, alimentando, conseqüentemente, sua imaginação.

Segundo Cosson (2007), Kleiman (2004) e Soares (2003b), devemos ensinar as crianças a ler literatura como conhecimento e não como decodificação de signos. O processo de letramento literário significa aprender a ler literatura e compreender. O primeiro passo da seqüência básica da interferência da escola no letramento literário é a motivação, sendo fundamental nesse processo o objetivo que se pretende, e é o professor quem atua como mediador, acompanhando a leitura do aluno e auxiliando a superar suas dificuldades.

O professor aí está presente, motivando os alunos, sempre pronto a auxiliar em qualquer dificuldade, introduzindo-os nesse mundo da leitura e da escrita e da leitura do mundo, formando leitores proficientes, críticos e reflexivos, metas de qualquer sociedade letrada.

### **Considerações Finais**

Nossa proposta neste trabalho foi mostrar um panorama sobre o que é o letramento literário e de como os professores podem ser os mediadores desse processo, ajudando a formar alunos letrados, críticos e proficientes no uso da linguagem, por meio de atividades voltadas para a leitura da literatura infantil na escola, fazendo com que não seja utilizada como pretexto para o ensino dos conhecimentos curriculares.

Para que isso se concretize, a escola precisa ser a instituição na qual se ensine todos os alunos a ler literatura infantil, para que se tornem adultos letrados, em estado individual e social de letramento literário.

### **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, V. T. de. A Formação do Leitor. In: CECCANTINI, J. L. C. T.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA Jr. (Org.) **Pedagogia Cidadã**: cadernos de formação - Língua Portuguesa. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. (vol. 2) p. 17-30.

COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

KLEIMAN, A. B. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1991.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Editora Dimensão, n.52. jul.- ago. 2003a. p. 17-22

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 25, abr. 2004.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b.